



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol XXVI, número 2, jul-dez, 2021, pág. 434-451.

**A CRIANÇA COMO AGENTE DE MUDANÇA PARA A
PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE EM TARUMÃ-AÇU –
MANAUS (AMAZONAS)**

Sandra Rejane Viana de Almeida

Resumo: Neste artigo buscamos realizar uma análise provinda da observação das vivências de crianças residentes em bairros no município de Manaus em relação aos recursos hídricos presentes dos quais são vizinhos, pois alguns destes são vistos como símbolos relacionados a um saudosismo do que foram no passado e como hoje se encontram, revelado por um crescente processo de degradação, e como isso demonstra como este vilipêndio ao meio ambiente pode acontecer em decorrência da ação humana. Diante destas nuances descritas, convém observar a percepção de crianças que convivem neste lugar e que vivenciam estes acontecimentos, acolhendo as estas experiências desta temática à aquisição de novas concepções construídas a partir de socializações realizadas na escola, ao trocarmos experiências com os sujeitos envolvidos, e interagindo, ao participarem nas atividades extraescolares, traçando sua relação com o meio ambiente no cotidiano e suas perspectivas acerca do futuro. Neste sentido objetiva-se realizar uma descrição de como a Educação Ambiental pode contribuir para a construção da consciência ecológica cidadã, o que irá transformar a criança em um agente de mudança, contrariando a postura que hoje se apresenta, na qual se percebe uma configuração de homem predador, e que após serem sensibilizados pelas questões ambientais, vem a assumir posturas mediadas pela sustentabilidade.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Criança; Água; Sustentabilidade

Resumen: En este artículo buscamos realizar un análisis a partir de la observación de las vivencias de los niños residentes en barrios del municipio de Manaus en relación a los recursos hídricos de los que son vecinos, ya que algunos de estos son vistos como símbolos relacionados con un nostalgia por lo que fueron en el pasado y como hoy se encuentran, revelados por un proceso creciente de degradación, y cómo demuestra esta difamación del medio ambiente puede ocurrir como resultado de la acción humana. Ante estos matices descritos, es importante observar la percepción de los niños que viven en este lugar y que viven estos eventos, acogiendo estas experiencias desde esta temática a la adquisición de nuevos conceptos construidos a partir de las socializaciones realizadas en la escuela, al momento de intercambiar experiencias con los sujetos implicados e interactuando, participando en actividades extraescolares, trazando su relación con el entorno en su vida diaria y sus perspectivas de futuro. En este sentido, el objetivo es brindar una descripción de cómo la Educación Ambiental puede contribuir a la



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

construcción de una conciencia ciudadana ecológica, que transformará al niño en un agente de cambio, contrario a la postura que se presenta hoy, en la que una configuración de hombre depredador, y que luego de ser sensibilizado por los temas ambientales, llega a asumir posturas mediadas por la sustentabilidad.

Palabras clave: Educación Ambiental; Niño; Agua; Sustentabilidad

1 INTRODUÇÃO

A finalidade deste trabalho decorre da necessidade em analisar a ótica da criança que reside no bairro Tarumã, mais precisamente em Campos Salles, Parque Rio Solimões, Parque Riachuelo e Parque das Tribos, os quais consistem em uma região periférica de Manaus e que fazem parte do entorno dos antigos balneários que ali existiram há algumas décadas, Cachoeiras Baixa e Cachoeira Alta, pertencentes à bacia do Tarumã-Açu.

O trabalho de pesquisa verificou junto à escola e seus alunos, que são residentes nos bairros, suas percepções sobre a importância existente nos recursos hídricos que estão presentes na comunidade, e por consequências dos danos ambientais ocasionados a estes lugares, pois hoje apenas remetem à boas lembranças do que foi, trazendo à tona a representação de como o homem pode gerar a degradação da natureza.

Verificou-se ainda a expectativa dos educandos ao saberem que podem contribuir para melhores condições de vida de todos moradores no presente e para nos dias vindouros.

É evidente a necessidade em tecer estratégias a fim de que o homem avance em sua formação como ser humano, quanto a sua responsabilidade frente às questões ambientais que permeiam o cotidiano do contexto para que possa conviver harmoniosamente em sua “casa”, e ressignificando suas origens.

O meio ambiente, não é apenas dos seres humanos, antes de todos que o habitam, e é natural que seja gerado possibilidades para que convirjam em interações salutares, e se coadunem.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Entendemos que estes princípios devem ser cultivados desde a tenra idade no intuito de solidificar a consciência dos pequenos cidadãos, levando-os a perceber que o “viver” deve ser direcionado para a felicidade e bem-estar de todos que convivem no planeta, no qual cada ser distinto deve respeitar o direito à vida plena de todos.

Ao contrário do que dita o capitalismo que “prevê o bem-estar e a felicidade a serem alcançados pela acumulação de bens materiais” (GADOTTI, 2005, p.18), e que ao deturpar os princípios do *ethos*, palavra grega que retoma o conceito de casa, habitação ou morada, imbuída de seus princípios éticos que são determinantes para uma boa relação em sociedade, pois ao contrariar estes princípios o homem está contribuindo para uma sociedade desigual e degradadora do meio ambiente e das relações sociais, através da cultura de produção de resíduos, que sem um destino adequado, destroem todo um conjunto da biosfera terrestre.

Neste sentido a escola desponta cumprindo um importante papel na intenção de formar no educando uma postura de cidadania com o dever de ajudar a preservar o meio em que vive, assumindo atitudes de um estilo de vida sustentável a qual nos remete uma reflexão acerca dos processos educacionais mencionados por Rousseau (1979) em Emílio, ou da Educação o qual afirma que o homem nasce bom mas tem suas atitudes e pensamentos corrompidos pelas influências do outro.

Os ditos de Rousseau designam nesta reflexão os hábitos, que de forma sorrateira extraem costumes sadios que nos são tirados por esta dura cultura do consumo, e insere práticas que são internalizadas pela mente humana como um processo natural da vida moderna, tornando o ser humano no principal agente da produção da degradação dos ecossistemas.

Antes, esta ideia de agressor do meio deve ser combatida, e deve-se proporcionar a estes pequenos aprendizes a oportunidades de reflexões que o remetam à formação de agentes de mudança, através de ações educacionais oriundas na Educação Ambiental.



2 METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica foi essencial para fundamentar a pesquisa e a escrita deste artigo, pois analisa os dados históricos acerca do local pesquisado e fomenta as narrativas de como transcorreram a sua evolução no decorrer do tempo, embasa as questões ambientais que envolvem o problema aqui discutido, trazendo o olhar de teóricos sobre o meio ambiente, as questões filosóficas que permeiam este campo de estudo e as questões pedagógicas inseridas neste contexto.

Utilizou-se a pesquisa de campo, sob uma investigação narrativa no decorrer do exercício da docência junto às professoras no Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI Professora Maria de Fátima Marques Campos, no qual se acompanhou a execução de atividades referentes à temática acerca do problema, e em pesquisa de campo no bairro Parque das Tribos, junto aos indígenas ali residentes, especificamente as crianças.

A crianças aqui mencionadas são alunas do CMEI mencionado, tem a faixa etária 4 e 5 anos, residem nos bairros adjacentes e no bairro indígena Parque das Tribos e participam ativamente das atividades realizadas pelas docentes no cotidiano da escola.

Inclui-se nesta descrição a visita ao igarapé Parque das Tribos, durante o evento cultural realizado no local, na qual foi observada a relação das crianças da comunidade com este recurso hídrico, a partir de seu conhecimento sobre a importância da água para os comunitários.

Os dados coletados foram analisados em uma abordagem qualitativa e estão descritos neste trabalho a partir de uma descrição sistemática, considerando do ponto de vista da professora-pesquisadora, ao colher informações e analisá-las, a fim de obter uma reflexão sobre a ação da criança e sobre as intencionalidades circunscritas nos olhares e observações, vistas sob o prisma da infância.



3 MEIO AMBIENTE: UMA SINFONIA DO COSMO

Para iniciar esta reflexão sobre a questão das águas da bacia do Tarumã-Açu nos reportaremos a uma analogia utilizando a estrutura da música para ilustrar como um ser não se basta só, mas a interdependências possibilitam a continuidade da vida no meio ambiente.

Ocorre da mesma forma semelhante ao manusear um instrumento musical, como por exemplo um piano, que ao tocar em apenas uma única nota musical, temos um som retilíneo e sem expressividade, ao agregar a ela mais duas notas musicais, formamos um acorde, e podemos observar um som diferenciado, harmonioso, e o que diríamos se adicionarmos a este, outros acordes que compõem a harmonia correspondente ao acorde anterior, e a eles, uma melodia e um ritmo, teremos uma formação musical completa, melódica, harmoniosa e rítmica. Uma música que agrada aos seus ouvintes e plena em sua composição.

Destas mesma forma podemos comparar o meio ambiente que não se limita apenas ao homem, sozinho e inexpressivo, como apenas uma nota musical, mas necessitando de um conjunto de vidas como: a fauna e a flora, a água, o solo, ar, a biodiversidade em geral, construindo o local, para estruturar o que vem a se revelar como um instrumento que compõe a sinfonia do global.

Ao afetarmos de forma negativa um destes elementos agredindo-se todo o conjunto da natureza, é o que chamamos de impacto ambiental, e neste sentido temos a afirmativa incisiva de Capra (1996, p.24) que esclarece que “a partir do ponto de vista sistêmico as únicas soluções viáveis são soluções “sustentáveis”.

Para tanto objetivamos neste trabalho rememorar o quadro do que era o cenário inicial da área pela qual percorre o rio Tarumã-Açu, sua beleza e vitalidade e denunciar no que se tornou hoje, exemplificando como as boas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

iniciativas educacionais podem contribuir para a formação da consciência cidadã das crianças de hoje, e perceber como as ações podem influenciar de forma positiva para a sua reconfiguração.

3.1 Histórico dos balneários do Tarumã

As narrativas sobre o início da exploração e degradação ambiental acerca do bairro Tarumã e suas águas, remonta a períodos onde o foco de interesse em urbanizar a região no início da colonização de Manaus, estava centralizado em locais geograficamente favorecidos, como por exemplo, as margens do rio Negro, a porta de entrada, o principal acesso via aquática, a outros rios e municípios da região, cuja a localização era propícia às futuras instalações portuárias do povoado recém-criado.

Desta forma, as áreas suburbanas foram sendo abandonadas, e tendo como única utilidade a exploração de seus recursos naturais, tornando seus acessos remotos e dificultando o cuidado ambiental necessário a sua conservação.

Os registros históricos do Tarumã nos conduzem aos meados do século XVII e relatam que antes da colonização era habitado por indígenas pertencentes ao tronco linguístico aruaque, e foi marcado pela presença dos padres jesuítas, liderados por Frei Teodósio, responsável pela denominada de Missão Tarumã, sendo que este se tornou o primeiro núcleo a ser povoado em Manaus, tendo nesta missão a figura de Pedro da Costa Favela, o famigerado matador de índios, conforme narra Mário Ypiranga Monteiro (1998, p. 25).

No decorrer deste processo o local também foi utilizado para a exploração das drogas do sertão, “feitas por índios escravizados, já afeitos a esse tipo de trabalho” (ANDRADE, 1985, p. 16), os quais dominavam as técnicas de extração destes produtos. Este período de escravidão indígena ocorreu durante a segunda expedição, a qual posteriormente, por ela foi denominada de Arraial do Tarumã.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Hoje temos neste local o bairro Tarumã que recebe este nome por ter suas terras permeadas pelas águas do rio Tarumã-Açu, águas estas que cortam a extensão da abrangência deste território e desaguam na margem direita do rio Negro, sendo deste, um de seus tributários.

No século XIX as águas das cachoeiras do Tarumã-Açu já eram utilizadas para a balneabilidade de pessoas que o habitavam, e naturalmente também usufruíam de seus recursos naturais tais como a exploração da pesca cujo destino era o consumo familiar.

Durante o período das décadas de 60 e 70 do século passado em Manaus os balneários localizados na região oeste, as denominadas Cachoeira Alta e Cachoeira Baixa eram apreciadas por moradores e visitantes que se deslocavam até estas áreas da cidade com a finalidade de entretenimento, pois o local proporcionava uma agradável paisagem e acolhimento.

O período em que este lugar tinha como principal finalidade a balneabilidade, era considerado como localidade de cercanias urbanas, apesar de ter sido onde se iniciou a colonização de Manaus, mas aos poucos foi sendo esquecido, tendo seus recursos naturais explorados, tais como as pedras de brita que haviam no local, para favorecer a construção e o enriquecimento de outras áreas da cidade, como por exemplo, o emergente centro de Manaus que se encontrava em ascensão.

A partir de então iniciou-se o processo de degradação do meio ambiente em Tarumã.

3.2 A realidade do Tarumã atualmente

Hoje, os extintos balneários presentes no bairro Tarumã, só existem na memória dos moradores mais antigos e de seus antigos frequentadores, ou nas fotografias, restando apenas um saudosismo daquele que compunha todo um



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

conjunto do imaginário dos seres presentes naquela estrutura, contada e retratada pelos historiadores de Manaus.

Entretanto ao nele adentrar é possível observar outros pontos sendo utilizados como balneários, dentre os tais, a praia Dourada, na qual é possível encontrar vários flutuantes onde funcionam bares e restaurantes, e outros comércios, o que deve ser observado pelo Poder Público sobre uma iminente degradação desta parte do rio em questão.

Em dias atuais o que podemos encontrar, em sua área e ao percorrer a estrada do Turismo, principal acesso ao local, é espantoso, pois deparamo-nos com a Cachoeira Baixa com suas águas amareladas, espumas brancas sobre a superfície, exalando um odor fétido, mas que apesar da morte iminente deste ecossistema, ainda é possível encontrar alguns tipos de peixes nestas águas (a referida afirmativa é decorrente do depoimento de moradores locais que declaram que ainda é possível pescar algumas espécies), sendo local onde aves chegam para se alimentar, como a garça-branca-grande (*Ardea alba*) que se aproxima durante o dia para caçar pequenos animais no leito dos rios.

A visão que se tem da Cachoeira Alta é de que se tornou um depósito de lixo, pois a área ao seu redor está repleta de resíduos sólidos descartados por pessoas que moram nas adjacências, além disso há também a degradação das suas águas que como podem ser observadas em suas nascentes, são límpidas, entretanto no seu curso encontram-se poluídas.

Muitos fatores têm contribuído para a degradação das águas do Tarumã-Açu, pois o local teve sua população aumentada e nele vários bairros se formaram em sua circunvizinhança e o que era uma área rural aos poucos foi incorporando ao urbano, e tornou-se cosmopolita no sentido de agregar pessoas de vários lugares da cidade que buscam um espaço para residir, e também pessoas de outros municípios ou estados.

Ao assumir o *status* de bairro urbano surgem com ele hábitos que desfavorecem a prosperidade da vida da natureza de forma geral, pois são



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

permeados dos contrastes com a necessidade do meio ambiente para manter-se vivo.

Revela-se com um quadro típico de uma região periférica e apresenta um enorme contraste social, sendo caracterizado pela existência de moradias destinada aos diversos níveis sociais e econômicos, exemplo clássico resultante do modelo de uma sociedade capitalista excludente.

Podemos observar esse fato ao notar que há muitos condomínios em suas adjacências, lançando em vista a notoriedade deste contraste social, evidenciado pela presença de comunidades menos favorecidas às mais abastadas financeiramente, e que juntas trazem mais uma razão para se questionar como estes recursos naturais vêm sofrendo com impacto ambiental causado pelas transformações das demandas populacionais.

O bairro também é conhecido por abrigar comunidades indígenas que em busca de melhores condições de vida abandonam as Terras Indígenas - TIs no interior do estado do Amazonas, e encontram na capital amazonense um lugar para viver mais próximo de escolas, hospitais e etc. (PAIVA; SANTOS; ROCHA 20015). Dentre essas sociedades indígenas residentes na área podemos citar o assentamento Parque das Nações Indígenas e o Parque das Tribos.

Em nossa visita ao bairro Parque das Tribos foi-nos oportunizado através da ação Virada Sustentável, evento realizado pela ONG Amazonas Sustentável¹, conhecer dentro do bairro o igarapé Parque das Tribos, que recebeu este nome pela comunidade no ato deste evento, o mesmo se encontra em processo de assoreamento decorrente das ocupações populacionais, construções imobiliárias e desmatamentos que afetam diretamente o leito dos rios da região.

Entretanto devemos atentar que a questão da contaminação das águas do rio Tarumã-Açu não é resultante apenas do descarte indevido dos resíduos sólidos ou dos efluentes domiciliares. Damasceno afirma que:

¹ Fundada em 2008 autodefine-se como uma “organização que cuida das pessoas que cuidam da floresta”, realiza projetos voltados para as questões sociais, econômicos e ambientais.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Estudos realizados por pesquisadores diversos afirmam que parte dos afluentes do Rio Tarumã-Açu se encontram com algum tipo de contaminação. Seja pelo chorume produzido no aterro sanitário da cidade em funcionamento localizado nos limites da bacia, no Km 19 da Rodovia AM 010, seja pelos resíduos domésticos produzidos nos bairros do entorno e efluentes lançados diretamente nos corpos hídricos sem tratamento prévio. (2018, p.30).

Nota-se que ali estão presentes muitas fábricas, tais como as de laticínios (vizinha à Cachoeira Baixa), asfalto, remédios fitoterápicos dentre outros. Quais são suas contribuições para a degradação do leito dos rios da bacia do Tarumã-Açu?

Esta e outras questões necessitam ser levantadas e respondidas honestamente a fim de se pensar em ações que venham a contribuir satisfatoriamente para a manutenção e preservação da área.

Atualmente a área do Tarumã é protegido por lei municipal, quando foi criada a APA – Área de Preservação Ambiental – Tarumã/Ponta, a partir do Decreto 9.556/2008, no intuito de promover o cuidado, manutenção e preservação do local e da diversidade ali presente.

A questão da preservação e conservação de um ecossistema não está restrito ao cuidado necessário para o meio ambiente, mas estende-se às questões sociais e econômicas que fazem parte do contexto da comunidade nele inserido.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

3.3 As crianças que residem no local

Neste quadro de depredação e luta por preservação da natureza encontramos a presença da criança inserida nesse contexto, pois é ela quem possui a capacidade de agir como cidadã dotada de direitos e deveres e que também estão relacionados às questões ambientais, no qual devem ser explorados os sentimentos de comprometimento e responsabilidade.

Neste sentido, o seu papel é algo pertinente para que ocorra a formação de um adulto ativo socialmente que irá interagir de forma produtiva para a mudança deste quadro de degradação.

A sensibilidade infantil de *per si* é algo que não devemos menosprezar pois quando bem orientados podem ensinar aos adultos boas práticas de cuidados sustentáveis, e contribuir trazendo respostas simples aos questionamentos que os adultos fazem ao tecerem longas e exaustivas ponderações para solucionar: problema *x* e problema *y*, enquanto que as soluções neste sentido são as que remetem ao respeito e à simplicidade de um viver solidário existente nas ações pueris.

Neste sentido Gonzaguinha canta a lógica do pensamento infantil: “eu fico com a pureza das respostas das crianças: é a vida! é bonita e é bonita! [...] A beleza de ser um eterno aprendiz”.

Este aprendiz deve observar a singeleza das atitudes de uma criança e compreender que pequenos gestos podem ser um diferencial, exemplificado na simplicidade em decidir em não jogar um papel no chão, ou desligar a torneira no momento em que escova os dentes, ou quando, conforme observamos, a criança que reside no Parque das Tribos percebe os recursos hídricos como fonte de entretenimento e como parte de suas relações culturais indissociáveis de suas vivências cotidianas.

Estas e outras pequenas ações decorrem de aprendizagens cotidianas que podemos considerá-las como “gotas d’água no oceano” mas que se tornam o início de grandes e futuras intervenções como afirma Roger Scruton:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Nenhum projeto de larga escala terá êxito se não estiver enraizado no raciocínio prático de pequena escala. Somos nós que temos que agir, criar consenso e trabalhar em conjunto as decisões tomadas em nosso nome, fazendo sacrifícios para o bem das futuras gerações. (2017, p. 10).

Desta forma, estaremos fincando pilares que serão constituintes de uma mentalidade que se preocupa com o local, naquilo que lhe pertence, não em um sentido de propriedade, mas com uma certeza de que ele faz parte de um todo harmônico.

4 A PRÁXIS DOCENTE: REFLEXÃO, PLANEJAMENTO E AÇÃO: O BRINCAR QUE SE CONVERTE EM CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

Destaca-se aqui, que para as crianças que hoje vivem no entorno das cachoeiras mencionadas ainda não percebem o significado do que estas foram no passado para as pessoas que residiam no local e para as que os frequentavam, deixando claro que suas percepções são de que apenas estes ecossistemas estão ali, porém sem alguma utilidade de fato para suas vidas e suas comunidades, notando que faz-se necessário adentar nestas realidades de forma mais específica e contundente, a fim que percebam sua importância, não apenas para os seres humanos, mas a todos que permeiam este contexto.

Eleva-se aqui a necessidade de o corpo docente que atua nesta localidade lançar seus olhares sobre estes importantes ecossistemas e ver possibilidades de ações que envolvam a criança a conhecer a relevância destas águas para que militem a favor das questões ambientais que lhes são tão particulares, desta forma, o docente poderá agir de maneira em que as temáticas estudadas sejam significativas para uma aprendizagem substancial.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Os hábitos culturais estabelecidos em nossas sociedades são determinantes ao se tratar da questão da forma como se dá o descarte dos resíduos sólidos, pois é perceptível notar seu descaso através dos claros exemplos como os que acontecem nas Cachoeiras do Tarumã-Açu, dentre muitos outros, pois não só moradores as transformam em lixões, como também as fábricas ali instaladas, dentre outras ações poluidoras advindas do comércio local. Da forma como Andrade (2014, p.17) nos descreve essa característica das sociedades:

A evidência de que vivemos em uma época marcada pela intensa produção do lixo leva-nos a admitir que o modo adequado para o enfrentamento de sua problemática, sem dúvida, é o que conjuga as dimensões cultural e técnica. Assim é que, neste nosso *crescimento* econômico, a percepção de que o homo economicus transforma os recursos da Terra em lixo mais rapidamente do que a natureza consegue regenerá-lo só reforça o quanto, nesse contexto, o cultural e o técnico estão imbricados.

A presença da escola no meio é um fator fundamental para formação de agentes que irão contribuir positivamente para preservação ou modificação do quadro de degradação adquirido culturalmente e de forma transgressora.

Constitui-se como mentora de ações que promoverão consciência sobre a relação do homem com o meio ambiente, a fim de usufrua dos recursos existentes e que fazem parte do cotidiano das crianças, e desta forma, integrar ações pedagógicas condizentes com a necessidade de aprendizagem do aluno.

Um dos motivos pelos quais hoje se encontram as cachoeiras observadas neste trabalho, Cachoeira Alta e Cachoeira Baixa, ocorrem em virtude da precariedade da educação das populações que demonstram atitudes de desrespeito com o meio ambiente. Neste sentido a escola com as suas ações



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

vem buscando trabalhar didaticamente a questão cultural dos moradores, na tentativa de modificar o estilo de vida das populações.

O CMEI Professora Maria de Fátima Marques Campos localizado no Parque Riachuelo –Tarumã que atende crianças da Pré-Escola residentes nos bairros citados anteriormente, desenvolve ações relacionadas à Educação Ambiental através de um instrumento que é reelaborado anualmente denominado Agenda Ambiental Escolar cujo objetivo principal é:

Promover por meios de ações de Educação Ambiental a construção de uma nova postura que se quer alcançar no sentido de gerar um ambiente propício do ser humano com o seu meio, onde cada um exerça a cidadania plena.

Esta Agenda Ambiental Escolar é atualizada a cada ano letivo e adequada conforme a realidade da escola, traz também sugestões de ações pedagógicas para o decorrer de um ano para serem realizadas com os discentes e com a comunidade escolar em geral, entretanto ao analisarmos a essência deste documento podemos notar que as características dos conteúdos nela apresentados se referem à saúde do educando, às ações que evidenciam o cuidado no descarte do “lixo”, ao reaproveitamento de plásticos e papéis, e à realização de palestras educativas direcionadas à comunidade escolar (pais, funcionários e moradores do bairro em geral).

As atividades didáticas enfatizam a busca por uma sociedade mais consciente quanto ao cuidado que se deve ter para com o meio ambiente, como exemplificamos em uma atividade realizada com as crianças e docentes que enfatiza essa percepção, cujo teor referia-se ao cuidado com o meio ambiente.

A culminância de uma destas ações deu-se através de diversas atividades realizadas pelas docentes do CMEI Ma. de Fátima Marques Campos que são de cunho lúdico e faziam menção ao dia do meio ambiente, 5 de junho,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

e destacamos uma delas que se referia a um conto criado pela professora LO46, que retratava a história de uma fada (interpretado pela professora) e seus ajudante (alunos da turma), e em seu decorrer enfatizava que o quanto seus pequenos ajudantes poderiam contribuir para beneficiar os cuidados com os ecossistemas, cumprindo assim um papel mágico frente aos desafios.

As crianças demonstraram boas reações ao saberem de seu valor como agente capaz de construir conscientização e de interferir de forma positiva em sua comunidade, desta forma foi possível perceber que as crianças percebem seu papel social e que fazem parte de suas construções através de suas interações com o meio.

Contudo, verifica-se a sua fragilidade do instrumento utilizado, ao não tratar a problemática da água de forma descontextualizada, fragmentada, tornando irrelevante a peculiaridade local, pois acentua a pouca visibilidade sobre a questão dos recursos hídricos no entorno escolar, a qual deve-se evidenciar à sociedade em geral que há gravidade do seu abandono, e que esta deve ser uma preocupação a todo o corpo escolar, por se tratar de um bem comum, não só por estar relacionado ao meio ambiente, o que é de vital importância, mas também por se tratar de um bem cultural.

Ao destacarmos este enfoque relembramos os escritos de Gadotti (2000) em sua Pedagogia da Terra que apresenta o conceito do termo “glocal”, designando as reflexões e ações que precedem o global, o que significa uma preocupação justificável e sensata.

Destaca que antes de a sociedade preocupar-se com as ações que envolvem o bem estar do planeta em sua amplitude, ela deve considerar a realização de ações dentro de suas comunidades, as quais são irrefutáveis, prioritárias e essenciais, trazendo soluções diretamente sobre uma determinada problemática, e, desta forma proporcionar ao planeta um benefício singular.

Neste sentido devemos reiterar que o processo educativo que se faz presente no cotidiano escolar é uma peça importante para estruturar a consciência cidadã que tanto necessitam nossas crianças, agentes de mudança,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

para contribuir de forma significativa no momento presente e em um futuro próximo. Conforme Gadotti (2005. P.19) podemos fundamentar nossas reflexões acerca dessas afirmativas, o qual enfatiza:

A sensação de pertencimento ao universo não se inicia na idade adulta e nem por um ato de razão. Desde a infância sentimo-nos ligados com algo que é muito maior que nós. Desde de criança nos sentimos profundamente ligados ao universo e nos colocamos diante dele como um misto de espanto e de respeito.

Assim, deixamos aqui a ideia enfática de que a escola deve estabelecer prioridades sobre as características que lhe são particulares, deixando claro que o seu contexto faz parte de um todo integrado, tal qual a estrutura de uma música que não se define por poucas notas ou só de acordes, mas de forma sistêmica: harmônica, melódica e rítmica.

5 CONCLUSÃO

Podemos concluir de forma sucinta que necessitamos estabelecer atitudes educacionais que gerem condutas adequadas ao ser humano em relação à sua “morada”, sensibilizando-os a viver de forma sustentável, a fim de demonstrar amor e respeito, em um sentido literal, pelo lugar no qual está inserido, do qual é parte integrante, de sua *oikós*, na qual há a possibilidade de interagir em sua vida cotidiana em uma relação familiar de cumplicidade.

Da mesma forma como nos declara o poeta Thiago de Mello (2009, p.5) que: [...] haverá girassóis em todas as janelas, [...] e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.

A mais tenra idade é o momento construir atitudes sustentáveis a fim de que compreenda o seu papel como sujeito sobre as ações concernentes ao seu



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

hábitat, e para que intervenha com ações positivas entre seus pares em uma escala local, a fim de se faça deste, um adulto que irá intervir com ações salutaras em proporções globais.

Importa-nos, através de ações docentes elaborar e intensificar a construção da consciência ambiental que redundem não apenas na contemplação da beleza de suas intenções, mas equalizem ideias que permitam a prática docente fundada na sustentabilidade, através do qual, cada ato remeta a uma reflexão, uma ação que se concretize no dia a dia dos alunos e da comunidade escolar em sua totalidade.

6 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, João Bosco Ladislau de. **Indicadores de sustentabilidade aplicáveis à gestão de Políticas Públicas para os resíduos sólidos industriais com foco no Polo Industrial de Manaus**. Manaus: EDUA. 2014.
- ANDRADE, Moacir. **Manaus, ruas, fachadas e varandas**. Manaus: Humberto Calderaro. P. 276,1985.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix.1996.
- DAMASCENO, Solange Batista. **Reestruturação do Comitê de Bacia Hidrográfica do rio Tarumã-Açu**. Dissertação (Mestrado em Gestão e Regulação de recursos Hídricos) Universidade estadual do Amazonas, Manaus, 2018.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis. 2000.
- GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra e cultura de sustentabilidade. **Revista Lusófona de Educação**. 2005.
- GONZAGUINHA. O que é, o que é? **Caminhos do coração**. Gravadora: EMI-Odeon, Álbum: 064 422912/ Lado A/Faixa 1: 1982
- MANAUS. **Decreto 9.556**. Implantação da Área de Proteção Ambiental Tarumã/Ponta Negra, Manaus-AM. 2008. Disponível em:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

<https://semmas.manaus.am.gov.br/wp-content/uploads/2010/10/Decreto-9.556-de-22-de-Abril-de-2008.pdf> Acesso em: 26 de fev de 2021.

MELLO, Thiago. **Estatuto do homem**. Manaus: Valer. 5.ed. 2009.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro histórico de Manaus**. Manaus: EDUA. 1998.

PAIVA, Natalia de Sousa; SANTOS, Jonise Nunes; ROCHA Santana Elvira Amaral. Educação escolar indígena nas escolas municipais de Manaus: caminhos e processos. IN: XII Congresso Nacional de Educação. PUC-PR. 26 a 29/10/2015, Curitiba: **Anais em...** Curitiba: EDUCERE, 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou da educação**. 3.ed. São Paulo: Difel. 1979.

SCRUTON, Roger. **Filosofia Verde: como pensar seriamente o planeta**. São Paulo: É Realizações. 2017.

SEMED. Secretaria Municipal de Educação de Manaus. **Agenda Ambiental Escolar**. CMEI Professora Maria de Fátima Marques Campos. 2014.

Recebido: 28/2/ 2021. Aceito: 31/5/2021.

Autora:

Sandra Rejane Viana de Almeida

Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM, graduada em Filosofia - UFAM e Pedagogia – IBRA Educacional, docente na Rede Pública Municipal de Manaus, atuando na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Escola Francisca Lima da Rocha - Parque Riachuelo.

E-mail: srejanealmeida@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9235802374437720>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6324-1694>